

# Vocação Missionária Comboniana

## VIVER E CONJUGAR UM CARISMA PARA A MISSÃO

### P. Manuel Augusto

No pedido que me foi feito, pedia-se que eu falasse sobre a vocação comboniana hoje: a sua espiritualidade, os aspectos fundamentais, importância e relevância para a Igreja e para o mundo, numa intervenção a rondar os 45 minutos, seguida de um tempo para debate. Quanto ao tempo, não há problemas em me limitar aos 45 minutos, poderei até fazê-lo em menos, para ganharmos tempo para o debate...

Falar sobre a vocação comboniana hoje pode sim trazer alguma dificuldade... Porque a vocação comboniana não existe em abstracto, não é uma teoria; existe incarnada em pessoas, como experiência vivida por pessoas de diferentes origens e em diferentes lugares e contextos. Porque a vocação, qualquer que ela seja, é sempre um mistério pessoal, uma experiência única... Um mistério, pela parte de Deus que chama sempre de maneira inesperada e imperscrutável, sempre cheia de surpresas. Um mistério pela parte da pessoa que responde ao apelo de Deus, também de modo surpreendente, por caminhos únicos, que não se repetem...

Assim, mais fácil que falar da vocação comboniana, seria contemplar a vocação comboniana no rosto e nas vidas dos combonianos – irmãs, irmãos, sacerdotes, leigos e leigas. Contemplar para reconhecer o tal mistério que ela comporta, por parte de Deus e da pessoa, para adorar, no sentido de trazer à boca (ad+oram); isto, é para dizer bem, agradecer a Deus e aos combonianos pelas vidas que vivem, deixar-nos interpelar por essas vidas, pelo que de curioso, de belo, de interpelante elas nos possam dizer. Nesse sentido, o melhor modo de falar sobre a vocação comboniana seria contemplar o rosto de combonianos/as, visitar as suas histórias e experiências de vida, desde Daniel Comboni e a geração das origens, à geração de hoje, que conhecemos a viver em África, nas Américas, na Ásia, na Europa. Tal exercício levar-nos-ia longe, certamente para além dos 45 minutos que temos para nos entreter com o tema.

Por isso, voltamos ao tema e tentamos então trocar algumas ideias, intuições ou perspectivas, sobre a vocação missionária comboniana. Seguiremos a seguinte ordem de ideias:

- primeiro, definiremos a vocação comboniana como um carisma para a missão;
- segundo, sublinharemos que se trata de um carisma que nasce na dinâmica de um encontro com Cristo e com os povos;
- terceiro, mostraremos que se trata de um carisma que se vive em fraternidade na Igreja e na comunidade comboniana;
- quarto, falaremos de um carisma que se exprime, se conjuga segundo uma gramática particular, própria;
- quinto, sublinharemos o facto de o carisma comboniano ter uma gramática inclusiva, que se conjuga no masculino e no feminino;
- sexto, concluiremos com duas observações, sobre o retrato difícil de fazer e difícil de transmitir do carisma comboniano.

#### **Uma carisma para a missão**

A primeira coisa que devemos dizer sobre a vocação comboniana é que ela é um carisma, dom de Deus, para a missão cristã no mundo de hoje.

A identidade da vocação comboniana só pode ser percebida desde uma perspectiva teológica, de fé. Ela decorre da “Missio Dei”, do plano salvífico de Deus Pai que envia o Seu Filho Jesus; o qual envia o Espírito Santo, alma e protagonista da missão.

Esta visão modela, por assim dizer, a identidade de cada missionário, do comboniano em particular, que “chamado pelo Pai, enviado pela Igreja, confiado na acção do Espírito, consagra a sua existência a colaborar nesta acção e faz da evangelização a razão da sua vida” (RV 56).

Esta definição existencial e inequívoca do carisma comboniano, como carisma para a evangelização, foi-nos deixada em herança por Daniel Comboni: “que se distinguiu pela sua dedicação total à causa missionária, pela qual falou, trabalhou, viveu e morreu”.

Por isso, a RV conclui que “em conformidade com o testemunho de vida do fundador, o Instituto dedica-se totalmente ao serviço missionário, pelo qual são determinadas as suas actividades, o seu estilo de vida e a sua organização, assim como a preparação dos seus candidatos e a renovação dos seus membros” (RV2).

### **Que nasce de um Encontro**

Na origem da vocação missionária comboniana está um encontro. Antes de mais com Cristo. A RV dos Combonianos diz que na origem da nossa vocação está uma experiência de encontro com Cristo Senhor alimentada na amizade, nutrida diariamente na oração e na vivência dos conselhos evangélicos.

Encontro que é um dom do Senhor Jesus, que por primeiro nos procura e nos oferece a sua amizade: a consagração “é antes de tudo uma iniciava do amor gratuito com que o Senhor chama a si aqueles que quer e os manda a levar o Seu nome às nações” (RV 20).

Encontro decisivo, sempre surpreendente que despoleta dinamismos de empenho e compromisso recíproco (RV 21; 21.1): “o encontro pessoal com Cristo é o momento decisivo da vocação do missionário... chamado a seguir Cristo; isto é, a estar com Ele e a ser mandado por Ele ao mundo, partilhando o seu destino”.

Depois, em segundo lugar, o carisma comboniano nasce no encontro com os povos, os excluídos e quantos ainda esperam o Evangelho. Este encontro com os povos foi determinante para São Daniel Comboni e é determinante para cada geração de combonianos.

Podemos e devemos dizer que um comboniano só o é depois deste encontro. Daniel Comboni selou a sua vocação missionária neste primeiro encontro com os povos da África, durante a primeira e breve expedição missionária. Devido às febres, teve que regressar à Europa, mas “deixou lá o coração”. Nunca mais os esqueceu e foi este primeiro encontro com os povos da África, a memória do que viu e experimentou, que lhe deram forças e inspiração para continuar a sua luta, permanecer fiel à sua vocação missionária, ter criatividade para lançar iniciativas e fundar os institutos.

Na vida de Daniel Comboni e de tantos combonianos encontramos a marca destes dois encontros, que poderíamos chamar nupciais, tanto a um como a outro. A vocação comboniana nasce e cresce nestes dois encontros, com Cristo e os povos, neste deixar-se apanhar por Cristo, neste envolver-se na vida dos povos. Comboni chamava a África por esposa. Muitos são os combonianos que se desposam com povos e culturas, cujas vidas só se compreendem à luz deste envolvimento que consome forças, energias, recursos e que requer a doação da própria vida.

Para os combonianos hoje, mais do que foi para Daniel Comboni e para as primeiras gerações, o desafio é manter estes dois encontros unidos, a alimentarem-se e iluminarem-se mutuamente, conferindo inspiração e fecundidade às nossas vidas. Esta unidade era óbvia para Comboni. Já não o é tanto para nós hoje, que nos deixamos levar por dinamismos que desgarram este encontro e que separam o encontro com os povos do encontro com Cristo, afirmando um à revelia do outro...em vez de viver um como expressão do outro.

### **Que se vive em Igreja, fraternidade**

A vocação comboniana é um carisma para a evangelização, que nasce de um encontro com Cristo e com os povos, e que se vive em Igreja, em fraternidade na comunidade.

O Vaticano II e os documentos recentes do Magistério sublinham a dimensão eclesial de toda a vocação missionária: ela pertence à Igreja, antes de a mais ninguém, como sua identidade própria e mais profunda e só em seu nome e em comunhão com a Igreja pode a vocação missionária ser vivida, reclamada, pelas pessoas individuais.

Os missionários que vivem a sua vocação de modo mais exemplar reclamam-se, assim, do coração da Igreja como seu lugar de origem (veja-se Sta Teresa do Menino Jesus), mesmo quando vivem a sua vocação na mais exposta das fronteiras, em tensão para o mundo exterior à própria igreja, para as gentes e os povos.

O mesmo sentido de comunhão eclesial encontramos em Daniel Comboni, mesmo se ele o vivia de uma forma que podemos chamar “criativa e propositiva”, que ao fazer propostas incômodas não temia o desconforto das tensões e das dificuldades. O seu amor e devoção à Igreja, o sentido de comunhão com o Papa e as autoridades na Igreja eram evidentes. Neste sentido, para ele, sem Igreja não poderia haver missão.

Herdeira desta tradição, a nossa RV reconhece, no preambulo, que “o Instituto comboniano é uma expressão da missionariedade da Igreja”. Esta dimensão eclesial aparece depois afirmada (ver RV 10; 12; 13; 17) ao longo de todo o texto da RV.

Além disso, Daniel Comboni acentuou muito nas Regras que escreveu para o Instituto, antes da sua configuração religiosa, que a vocação missionária que ele propunha era para ser vivida em fraternidade, numa comunidade. O ideal que ele promoveu foi o do “Cenáculo de Apóstolos”: uma comunidade de pessoas, inspirada no primeiro grupo dos apóstolos, para o serviço missionário na África central.

Ele sempre resistiu à tentação de colocar os missionários sozinhos, nas estações missionárias, para poder atender a um número maior das mesmas. Exigiu que os seus missionários vivessem em comunidade, realizando uma missão programada e executada em fraternidade. A nossa RV herda esta tradição e sublinha as exigências concretas, as alegrias e as dificuldades desta missão vivida em fraternidade.

A RV deixa contudo transparecer claramente que a nossa vida fraterna está modelada, não sobre um ideal de vida religioso-monástica, mas sobre o dinamismo próprio da Missio Dei; o dinamismo da Trindade, da vida e da missão da Igreja.

A vocação missionária comboniana é assim vivida em fraternidade, numa comunidade apostólica; isto é numa comunidade de pessoas chamadas e enviadas aos irmãos por Cristo, na força do Seu espírito. Subjacente ao modo como a RV trata dos Conselhos Evangélicos, da Vida Comunitária e da Oração (coisas essenciais quando falamos de vida consagrada) está a concepção de uma vida fraterna eminentemente apostólica: de uma comunidade em movimento para fora de si, com o dinamismo da Missio Dei.

Este enquadramento da vocação comboniana, na igreja e na comunidade, expõe a fonte de duas grandes dificuldades.

Por um lado, dificuldades com a Igreja local ou porque ela não vê esta vocação como própria; ou porque os combonianos têm dificuldade em se verem e sentirem como parte da Igreja Local.

Por outro lado, dificuldades e tensões na vida comunitária que decorrem, sobretudo, da tensão entre o protagonismo individual e os dinamismos da coordenação comunitária.

A tradição comboniana, desde o fundador, valoriza enormemente o indivíduo e os seus dons e carismas pessoais como recursos preciosos para a missão; mas pede que esses dons e carismas sejam postos a crescer numa dinâmica de fraternidade e vida em comum.

Foi sempre difícil conjugar as iniciativas pessoais com os ritmos comunitários. Mais difícil é fazê-lo no nosso tempo, em que o protagonismo individual e a dependência da própria imagem (da maneira como os outros nos vêem) condicionam tanto a consciência pessoal e reduzem a capacidade individual de aceitar que um dinamismo fraterno e comunitário se sobreponha aos interesses e projectos pessoais.

### **Que se exprime numa gramática própria**

Seguindo os dinamismos que o Concílio Vaticano II veio trazer à missão cristã e à evangelização, a vocação missionária comboniana ganhou riqueza de vocabulário e conjuga-se hoje de muitas maneiras, abraçando as múltiplas dimensões da missão cristã hoje.

Antes de mais, a vocação missionária comboniana conjuga-se com o verbo ESTAR e vive-se como presença e testemunho, no meio dos povos, do amor salvífico de Deus: um estar que se abre a um fecundo diálogo de vida e de fé com pessoas e com a sociedade.

A missão comboniana é vivida como presença nas fronteiras sociais, políticas e culturais mais explosivas do nosso tempo: o mundo árabe, Egipto e Sudão; as situações de extremo subdesenvolvimento que ainda se encontram em África; as situações de conflitos crónicos que

dilaceram algumas regiões de África, como o nordeste do Congo, a Eritreia; as fronteiras dos novos estados e da precariedade que os caracteriza, como o Sudão do Sul.

Ao viver a missão como presença e testemunho, “o missionário descobre e faz seus os valores culturais e religiosos dos povos” (RV57), abre-se a “uma profunda compreensão e estima da cultura, língua, história e tradição do povo a que é enviado” (RV 57.1).

Desde o começo, de Daniel Comboni e da primeira geração de missionários, este sentido de imersão na vida e cultura dos povos foi marcante da vocação comboniana: muitos dos povos do Sudão e do Uganda tiveram em combonianos os primeiros autores de livros sobre a sua história e cultura, de gramáticas sobre as suas línguas (caso dos Gumuz, na Etiópia).

O missionário comboniano sabe que “proclama o Evangelho acima de tudo com o testemunho” e que no encontro com os povos importa assumir “uma atitude simples, confiante e respeitosa”.

Em segundo lugar, a vocação comboniana conjuga-se com o verbo ANUNCIAR, e vive-se como serviço ao Evangelho, através da pregação e da transmissão da Palavra de Deus. “Logo que se apercebe que chegou a hora da graça, o missionário anuncia clara e inequivocamente o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus” (RV 59).

Uma proclamação inculturada, através de uma variedade de meios, mas que não dispensa a pregação e as várias formas de instrução catequética. A preocupação pelo serviço à palavra de Deus, pela formação dos catequistas e dos ministros da palavra, pela instituição de centros para a formação de catequistas e leigos, sempre esteve no topo da metodologia comboniana.

Em terceiro lugar, a vocação missionária comboniana conjuga-se com o verbo ENVOLVER-SE; vive-se com o envolvimento nos processos de transformação social que afectam os povos entre os quais os combonianos vivem. “O missionário comboniano faz-se solidário com o povo no meio do qual vive... solidário com a vida, o trabalho e a caminhada do povo, partilhando as suas vicissitudes” (RV 60).

Nos nossos dias, este verbo, envolver-se, é talvez o verbo mais conjugado pelos combonianos... O empenho da missão cristã pelo desenvolvimento integral das pessoas e das sociedade, pela libertação integral dos povos, a luta pela justiça e pela paz, declaradas no nosso tempo como parte integrante da evangelização, expandiu-se ainda mais na defesa de modelos sustentáveis de desenvolvimento, na luta pela salvaguarda da criação e do ambiente.

Os combonianos, em muitos países de África, situam-se na primeira linha deste envolvimento nos processos de transformação social, dedicando recursos humanos, meios e iniciativas para que pessoas e povos encontrem os caminhos da libertação integral: inúmeras escolas, hospitais e centros de saúde, projectos de desenvolvimento atestam este envolvimento de primeira pessoa.

Além disso, os combonianos seguem neste envolvimento, a metodologia herdada do seu fundador, que apela “a salvar os africanos com os africanos” e a “fazer causa comum com os povos”: os combonianos sabem que “o melhor contributo que podem dar à promoção da justiça” e a um envolvimento dos cristãos nos actuais processos de transformação social, “é educar as pessoas a assumirem as suas responsabilidades políticas e sociais” (RV 61.2).

Em terceiro lugar, a vocação comboniana conjuga-se com o verbo SERVIR e vive-se, antes de mais, como serviço à Igreja: um serviço que começa com o edificar e acompanhar as comunidades cristãs nascidas da presença e do anúncio, e que continua num serviço, qualificado e desinteressado à Igreja Local.

A formação e a afirmação de uma comunidade cristã auto-suficiente é o objectivo da acção missionária, da iniciação das pessoas ao caminho cristão, da formação dos ministros e dos líderes. A edificação da Igreja Local é ponto de honra na metodologia missionária comboniana: “no anúncio do Evangelho, o comboniano preocupa-se com formar comunidades cristãs fundadas sobre a escuta da Palavra de Deus” (RV 62.2).

Este objectivo da criação e autonomia de Igrejas Locais introduz na vocação missionária comboniana um dinamismo de kenosis, de provisoriedade e de escondimento: “o missionário sabe que a provisoriedade é a nota característica do seu trabalho (RV71) e assinala a hora da passagem de

testemunho, do “é necessário que ela cresça e que eu, nós, diminuamos”, da entrega a outros da obra começada, sem esperar recompensas ou mordomias (exemplo Lomim).

Por fim, a vocação comboniana conjuga-se com o verbo SAIR /PARTIR. Deixei-o para último, apesar de ele aparecer logo no início da chamada comboniana e estar claramente implícito na dinâmica do encontro.

As dinâmicas do encontro, com Cristo e com os povos, exigem ao missionário um êxodo, uma saída constante de si próprio, dos seus planos e expectativas para si identificar progressivamente com Cristo e os outros, para viver em solidariedade com os povos.

A vivência da vocação comboniana leva necessariamente a um êxodo contínuo: a sair da própria família, da própria igreja, do próprio povo e cultura. "O missionário comboniano está disposto a ir, em espírito de fé e obediência, para aqueles povos ou grupos étnicos entre os quais o instituto realiza o trabalho de evangelização" (RV15).

Deixei este verbo para último, porque ele apresenta-se como um dos mais difíceis de conjugar na gramática comboniana, sobretudo quando esta gramática se ensina aos jovens.

Vivemos um mundo global, que graças aos meios de comunicação encurtou distâncias e eliminou isolamentos. Mas nem por isso SAIR e PARTIR deixam de ser verbos difíceis de conjugar. Na nossa cultura construímos ninhos protectores, redes sociais que emprisionam, projectos pessoais que se idolatram, necessidades que se tornam imprescindíveis... situações que tornam cada vez mais difícil conjugar este verbo e viver as exigências do PARTIR.

### **Uma gramática inclusiva**

A gramática da vocação comboniana, em linha com a missão cristã e a vocação missionária na Igreja de hoje, conjuga-se de uma maneira inclusiva, no masculino e no feminino. Trata-se de uma missão e de uma vocação à vida missionária que se vivem numa pluralidade de formas, de vocações de consagração, de protagonismo e de modos de evangelizar, de estilos de sequela para a missão: irmãos, irmãs, padres, leigos.

Daniel Comboni foi dos primeiros fundadores a abrir caminho às mulheres consagradas na evangelização da África. No seu instituto feminino ele desejava formar as “mulheres do evangelho”, promotoras de uma transformação social centrada nos valores do Evangelho e tendo nas mulheres as principais protagonistas.

Ele via nos seus institutos expressões de um amplo movimento missionário da Igreja do seu tempo e do seu ambiente em favor da evangelização da África Central: ele acolhia, por isso, sacerdotes e leigos no seu incipiente instituto, que mais que um instituto religioso se poderia comparar a um movimento. A RV (8) diz que “Comboni procurou unir e comprometer todos os agentes de evangelização presentes na África e outras forças disponíveis”.

Hoje os combonianos são um instituto composto de sacerdotes e irmãos, igualmente missionários, igualmente consagrados ao serviço missionário da Igreja. A RV (11) diz que “segundo a inspiração originária do fundador, o instituto é constituído por padres e irmãos. Este facto torna mais completo o carácter eclesial do instituto e mais fecunda a sua actividade”. Este facto, esta variedade de vocações, é pois constitutiva da identidade comboniana e não pode faltar, sob pena de se adular o carisma originário do fundador.

### **Um carisma difícil de retratar e ... viver**

Ao falarmos da gramática da vocação missionária comboniana, dos verbos que a caracterizam e da sua exigente conjugação, podemos concluir que é difícil aprendê-la e vivê-la. E efectivamente assim é.

Quando lemos a vida de Daniel Comboni, ou folheamos o testemunho dos missionários da primeira geração, dos missionários excelentes das várias gerações combonianas perguntamo-nos como lhes foi possível viver a vida que viveram, qual é o segredo desta vocação missionária, a razão da fecundidade que a caracteriza.

A RV assinala que, para Comboni, “a fonte desta força era a sua fé inquebrantável e a certeza de que a sua vocação provinha de Deus e de que a ajuda de Deus nunca viria a faltar” (RV 2). Para ele, o segredo estava no amor do Coração trespassado de Cristo: “O fundador encontrou no mistério do Coração de Jesus o impulso para o seu empenho missionário” (RV3).

A vocação missionária comboniana conjuga-se e vive-se aos pés da Cruz: aqui o missionário recebe o amor que está chamado a comunicar aos irmãos; aqui as suas obras e iniciativas recebem o perfil particular de obras de Deus, para além de iniciativas humanas.

É na contemplação da cruz que o retrato mais autêntico do missionário comboniano emerge e que as atitudes fundamentais do seu carácter e da sua espiritualidade são forjadas: “No mistério do Coração de Cristo o comboniano contempla as atitudes interiores de Cristo e assume-as: a sua doação incondicional ao Pai, a universalidade do seu amor pelo mundo e o seu comprometimento com a dor e a pobreza dos homens” (RV3.2).

Esta contemplação não é mística mas prática, destinada a marcar a praxis missionária comboniana. Por isso, a RV2.2 avisa que “o comboniano, a exemplo do fundador, está pronto a tomar iniciativas, é constante nas suas actividades, perseverante nas dificuldades, paciente e forte em suportar a solidão, o cansaço e a aparente inutilidade do trabalho”. E conclui (RV 13.1) que o instituto aceita como membros apenas aquelas pessoas que têm a intenção de se consagrar sem reservas e até à morte ao trabalho de evangelização”.

Por isso, a gramática da vocação comboniana tem uma palavra, um substantivo que lhe dá a substância, que é a sua pedra de toque: martírio (=testemunho e doação até ao fim). Quem entra hoje numa comunidade comboniana embate-se, no átrio de entrada ou na entrada para a capela, com as fotos dos 25 mártires combonianos que foram mortos pelo evangelho na segunda metade do século passado, em África, na América.

Mas a lista dos inícios do instituto tem outros mártires de situações extremas de isolamento e de doação apostólica até ao limite. Daniel Comboni pensava a vocação missionária como uma vocação ao martírio, físico ou espiritual, e incutia nos missionários esta disponibilidade interior e decisão de fidelidade até ao fim, de dar a vida pelo Evangelho e pelos irmãos mais pobres e abandonados, os excluídos da fé e da vida em Igreja na África do seu tempo.

### **Um carisma, como todos os carismas, a transmitir**

Estou a fazer estas reflexões sobre o carisma comboniano, num fórum para formadores e promotores vocacionais, para pessoas interessadas em fazer crescer e promover os carismas na Igreja.

Faz, por isso, sentido terminar com uma nota sobre o crescimento, a multiplicação dos carismas, sobre as condições que propiciam o seu aparecimento e a sua fecundidade, na linha da visão de Paulo, que vê os carismas como dom para o crescimento da comunidade eclesial, numa dupla direcção: para o crescimento e a coesão interna da comunidade... ; para o seu crescimento e a sua expansão para fora em relação ao mundo ... Os carismas missionários estão nesta linha: carismas de fronteira, ao serviço da expansão do Evangelho e da Igreja para além das suas fronteiras.

A origem dos carismas está em Deus: eles são dons do Seu Espírito Santo, para edificação da comunidade e testemunho do reino. Mas as condições do seu crescimento e fecundidade, da sua plenitude e qualidade e número, dependem também de nós, da própria igreja.

Gostaria de sugerir alguns caminhos que poderão eventualmente favorecer as vocações para a missão da Igreja, para a evangelização em geral e o carisma comboniano em particular.

Primeiro, favorecer o encontro das pessoas, dos jovens, com Cristo Senhor: encontro que implica um primeiro anúncio cristão, sempre a ser feito em cada geração, e um caminho de iniciação sacramental, de iniciação à vida segundo o sentir de Cristo. A vocação missionária só poderá nascer no contexto deste encontro pessoal, que é um contexto de experiência e de caminho de fé.

Segundo, favorecer um encontro das pessoas, dos jovens em particular, com os povos, com as pessoas de outros povos, culturas, religiões. Este encontro implica, por um lado, o desenvolvimento das atitudes que tornam possível o encontro (diálogo, respeito, abertura e acolhimento, reciprocidade,

solidariedade), e, por outro lado, a participação em experiências concretas de encontro que visem a partilha dos valores de vida e o empenho em processos de transformação social assentes em valores partilhados. As vocações missionárias na Igreja sempre nasceram e foram orientadas concretamente no contexto deste encontro com os povos, com os outros, para além das fronteiras da própria igreja e do próprio povo.

Terceiro, favorecer experiências de fraternidade e comunidade, caminhos de vida assentes na fraternidade descoberta no acolhimento do Evangelho. O carisma missionário só pode nascer e amadurecer no contexto de uma caminhada, de um itinerário de fé vivido em fraternidade, em companhia com outros/as. Desde Jesus, a missão é vivida a dois, em fraternidade na Igreja, em colaboração e sinergia numa comunidade de chamados enviados aos outros em missão (comunidade apostólica).

Quarto, iniciar os jovens, as pessoas, na conjugação da gramática própria dos carismas para a evangelização (eu elenquei alguns verbos próprios do carisma comboniano...). Cada carisma na Igreja tem a sua gramática própria (no passado falávamos do “específico” da cada carisma, palavra que evitei...); isto é, deve trazer à vida da comunidade eclesial uma série de atitudes e valores que lhe são próprios, que constituem a sua identidade carismática. É da iniciação a esses valores e atitudes que eu aludo com a palavra gramática... Estes valores e atitudes não fazem parte do legado que a cultura ou as famílias dão aos jovens; estes deixarão florescer em si um carisma na medida em que se abrirem aos seus valores e atitudes, em que forem iniciados e fizerem sua a gramática própria de um carisma.

### **Conclusão: chamar e semear**

Temos que estar todos gratos a Cristo pela maneira ousada, pela palavra directa e clara - vinde e vede, vem e segue-me! - como chamou os primeiros discípulos, surpreendendo todos, a começar pelos que chamou. Temos que nos sentir inspirados por essa ousadia e clareza no nosso ecoar o chamamento de Cristo: com Ele temos que desafiar os outros para a sequela cristã: vem e vê, vem e segue Cristo connosco!

No dia em que acabo de escrever este texto, a liturgia do dia apresenta um texto de Marcos (4, 26s) com que gostaria de terminar esta reflexão: a parábola que compara o Reino à semente lançada à terra. Neste tempo em que é particularmente difícil fazer frutificar e multiplicar os carismas, temos também que estar gratos a Cristo por esta parábola que nos convida à confiança e a um olhar de essencialidade sobre o trabalho de promoção vocacional.

A Palavra do Evangelho, o convite à sequela para a missão, têm uma dinâmica própria, produzem fruto por si, como a semente o faz: o importante é lança-las à terra, é lançar a semente da Palavra e o apelo à sequela e não outras coisas. Uma vez lançadas, podemos esperar o fruto.

E com isto, sugiro que terminemos a nossa reflexão com a atitude com que começamos: a contemplação, uma atitude de fé que reconhece em cada vocação, a missionaria comboniana incluída, um mistério cheio de surpresas, tanto pela parte de Deus que chama, como da pessoa que responde, acolhe e faz frutificar essa chamada num empenho de vida que procura a própria felicidade no bem dos irmãos e na glória de Deus.

Pe Manuel Augusto Lopes Ferreira, mccj  
4 de Fevereiro, festividade de S. João de Brito